

jornal d@s bancári@s

PUBLICAÇÃO NACIONAL DA CONTRAF-CUT | ESPECIAL MULHERES | MARÇO 2012



Pesquisa prova desigualdade



No setor que se diz mais moderno...

**Mulheres ganham menos, atendem mais clientes,
são menos promovidas, mais escolarizadas
e têm vida curta nos bancos.**

Quem ganha com isso?



LEIA TAMBÉM NESTA EDIÇÃO:

- Relações compartilhadas: todos e todas ganham com adoção de novas práticas
- As principais conquistas das trabalhadoras
- Conheça algumas mulheres à frente de nossos sindicatos

Relações Compartilhadas

Igualdade de Oportunidades para homens e mulheres com Responsabilidades Familiares

O equilíbrio entre o trabalho e as responsabilidades familiares tem sido uma fonte de permanentes conflitos e constitui um grande desafio. As pessoas precisam trabalhar e gerar renda para satisfazer necessidades econômicas (pessoais e de suas famílias) e, ao mesmo tempo, cuidar da família e desempenhar tarefas domésticas não remuneradas em seus lares.

O desequilíbrio entre as atividades profissionais e familiares afeta particularmente as mulheres. Tal realidade está na base da situação de desvantagem que elas enfrentam no mercado de trabalho. Assim, o equilíbrio das responsabilidades é fundamental para a igualdade de gênero no mundo do trabalho.

O movimento sindical bancário foi pioneiro em evidenciar tais contradições e levando o debate para os trabalhadores já em 2001, com a publicação da Cartilha Relações Compartilhadas – Um Outro Mundo é Possível, feita pela

então Confederação Nacional dos Bancários (CNB).

O conceito de relações compartilhadas busca superar na prática a divisão de papéis que a sociedade impôs para cada gênero. Para isso, além dos espaços conquistados pelas mulheres no mercado de trabalho, é preciso



O conceito de relações compartilhadas procura despertar homens e mulheres para o fato de que a busca pelo equilíbrio entre os aspectos profissionais e familiares não deve ser um peso somente para mulheres, mas sim um compromisso de toda sociedade.

que os homens compartilhem com as mulheres a responsabilidade pelo serviço doméstico e pela educação dos filhos.

O trabalho voltado para o lar também favorece as empresas, pois sem ele as pessoas não teriam condições de produzirem com eficiência. Sem roupa passada ou lavada, por exemplo, uma pessoa não encontraria um emprego. Sem o cuidado, carinho e educação para os filhos, as empresas terão dificuldades em repor sua mão de obra. Portanto, é dever do Estado e das empresas criarem condições objetivas tanto para o trabalho produtivo quanto para o reprodutivo.

Neste sentido, o movimento sindical reivindica desde 2008 a ampliação para seis meses da licença-paternidade. Além de garantir um período maior de cuidados para o bebê num momento crítico de sua formação, a medida visa promover o conceito de relações compartilhadas em que o homem e mulher dividem de forma igual responsabilidades e direitos.

Alguns fatos históricos e muita luta

1910

Durante a II Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, Clara Zetkin propôs que fosse celebrado em todo o mundo o Dia Internacional das Mulheres, a exemplo das mulheres socialistas dos Estados Unidos que organizavam um Dia das Mulheres dedicado à luta pelo direito ao voto.

1932

Mulheres brasileiras conquistam o direito de votar, ainda com uma série de condicionantes.

1946

Conquista da plena igualdade de voto em relação aos homens.

1968

O então Banespa aceitou pela primeira vez o acesso

de mulheres ao cargo de auxiliar de escritório; o sistema financeiro era um território exclusivamente masculino.

1971

O Banco do Brasil aceitou pela primeira vez o ingresso das mulheres.

1977

O "8 de março" foi reconhecido oficialmente

pelas Nações Unidas como momento de mobilização para a conquista de direitos e para discutir as discriminações e violências morais, físicas e sexuais ainda sofridas pelas mulheres.

1986

A CUT cria a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora.

1994

A CUT aprova a cota mínima de 30% de participação dos sexos nas direções da central.

1998

O tema Igualdade de Oportunidades se torna um dos eixos das campanhas nacionais dos bancários, enquanto que na mesa de negociações a Fenaban negava a discriminação no local de trabalho.

Quanto maior a escolaridade maior a discriminação

Nos bancos as mulheres ocupam 48,48% do total de postos de trabalho, totalizando 234.203 trabalhadoras, segundo levantamento da subseção do Dieese na Contraf-CUT, feito com base em dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego. Nos bancos públicos, as mulheres representam 42,97% dos empregados e, nos bancos privados, são maioria entre o total de trabalhadores (53,05%).

As mulheres que trabalham nos bancos têm maior escolarização do que os homens: 71,67% das bancárias têm curso superior completo, contra 66,52% dos trabalhadores do sexo masculino.

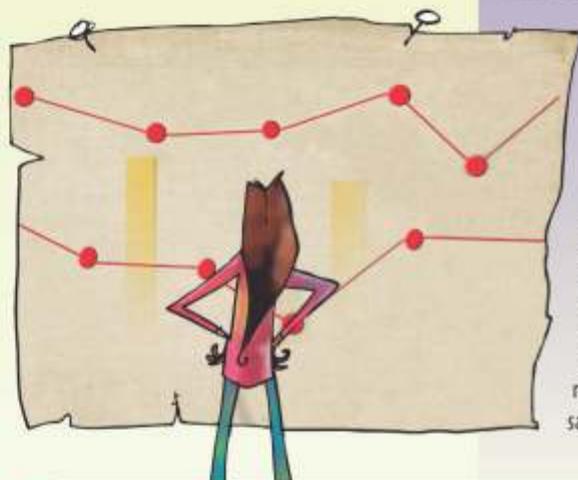
Apesar de mais escolarizadas, as mulheres ganham em média 24,10% a menos que os homens, de acordo com levantamento do Dieese. Nos bancos privados, a disparidade de salários de mulheres e homens é maior. A remuneração das mulheres nos bancos privados é 29,92% inferior à dos homens,

enquanto, nos bancos públicos, a diferença salarial média entre homens e mulheres é de 15,25%.

Nas ocupações numericamente mais expressivas, as mulheres são maioria entre “Profissionais de comercialização e consultoria de serviços bancários”, “Agentes, assistentes e auxiliares administrativos”, “Gerentes de comercialização, marketing e comunicação”, “Técnicos em operações e serviços bancários”

e “Operadores de telemarketing”. A característica comum entre todas as ocupações citadas é a ligação com a venda de produtos e serviços ou por estarem relacionadas a atendimento ao público.

Os 24,10% que as mulheres deixam de receber vão para o bolso de quem?



As discriminações não favorecem as mulheres e tampouco os homens. A diferença não é repassada a nenhum trabalhador ou trabalhadora. Ela é automaticamente apropriada pelos bancos, aumentando ainda mais os lucros das instituições financeiras, concentrando renda e baixando a média salarial da categoria.

As diferenças salariais entre homens e mulheres com doutorado chegam a 53,25% - enquanto, o salário médio de um homem com doutorado é de R\$ 12.595,93 e o de uma bancária com o mesmo grau de instrução é de R\$ 5.889,10.

Menor perspectiva de carreira

As mulheres são maioria nas faixas de idade entre 17 e 39 anos. A partir dos 40 anos, tornam-se minoria. Os dados revelam que os homens chegaram ao final de três décadas ocupando cerca de 17 mil vagas, quase o triplo dos 6 mil postos de trabalho das mulheres com mesmo tempo de casa. A saída precoce de mulheres dos bancos pode ser reflexo tanto da dificuldade de obterem promoções e de terem acesso a cargos de maior prestígio e remuneração, quanto da preferência dos bancos pela presença de jovens em seu quadro de funcionários.

Mulheres negras: dupla discriminação

A discriminação em relação à mulher negra é ainda maior, pois ela sequer tem acesso ao emprego na mesma proporção que outros setores. Nos bancos, apenas 8 em cada grupo de 100 trabalhadoras são negras, de acordo com Mapa da Diversidade de 2009.

2000

Os bancários conseguiram pela primeira vez incluir a seguinte cláusula na Convenção Coletiva: “Igualdade de Oportunidades”.



2001

O Dieese a pedido do movimento sindical lança o primeiro

grande diagnóstico na categoria intitulado “O Rosto dos

Bancários”, no qual aponta as discriminações de gênero e raça.

2003

O governo Lula cria a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

2006

Com base nas denúncias do movimento sindical e envolvimento dos movimentos sociais, o Ministério Público do Trabalho pressiona os bancos a fazer um

novo diagnóstico da categoria por meio de uma pesquisa.

2006

Entra em vigor a Lei Maria da Penha, que protege mulheres contra a violência doméstica e torna mais rigorosa a punição aos agressores.

2007

Os sindicatos de todo Brasil chamam a categoria a participar do censo organizado pela Febraban intitulado o

“Mapa da Diversidade” – metade da categoria responde.

2009

Se comprova mais uma vez a discriminação de gênero, raça e contra pessoa com deficiência nos bancos através do resultado do Mapa da Diversidade – a Fenaban divulga plano de ação para correção destas distorções.

2009

Os bancários foram a primeira

categoria a conquistar a licença-maternidade de 180 dias.

2011

Dilma Rousseff é eleita primeira mulher presidenta da República.

2012

Os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiram, por unanimidade, confirmar a validade da Lei Maria da Penha, símbolo da luta contra a violência doméstica.

NÓS PODEMOS

Lugar de mulher é em todo lugar, inclusive no sindicato

No Brasil e no mundo está aumentando o número de mulheres que são lideranças política e sindical. Conheça algumas bancárias que estão à frente de nossos sindicatos:

“A classe trabalhadora é composta por homens e mulheres. E há diferenças. Entre os maiores desafios estão conseguir igualdade salarial, oportunidade de ascensão profissional e combater a dupla jornada a que são expostas. Precisamos mudar essa realidade. O movimento sindical é um espaço para isso. E como em outras instâncias as mulheres ainda estão sub-representadas. É importante que elas participem e ajudem a representar a sociedade refletindo sua cara e anseios.”

Juvandia Moreira

Bradesco e Presidenta do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região

“Para quem não tinha sequer direito ao voto há 80 anos, hoje temos uma mulher na presidência da República. Mas ainda há um longo caminho de luta para conquistarmos, de fato, a igualdade entre os sexos. E o Sindicato é uma das bases desta luta pela liberdade de viver sem os padrões de opressão baseados no gênero. Por isso, bancária, venha para o Sindicato e ajude a construir um mundo mais justo e igualitário.”

Jaqueline Mello

CEF e Presidenta do Sindicato dos Bancários de Pernambuco

“As mulheres estão cada vez mais ocupando cargos de liderança não apenas no mercado de trabalho, mas também nos espaços de poder. Mas ainda há muita desigualdade e preconceitos contra a mulher em nossa sociedade. Por isso, é fundamental a participação da mulher na vida sindical, pois é assim que podemos mudar ativamente a realidade do mundo do trabalho em nosso favor.”

Rosalina Amorim

BB e Presidenta do Sindicato dos Bancários do Pará



- (a) Ana Furquim, Bannisul e Coord. Geral do Sind. Bancários do V. Paranhana RS
- (b) Carmen Zanchet, Bannisul e Presidenta do Sind. Bancários Guaporé RS
- (c) Dalva Radeschi, Santander e Presidenta do Sind. Bancários Limeira SP
- (d) Elmira Farias, CEF e Presidenta do Sind. Bancários do Acre
- (e) Giselda Diesel, Bradesco e Presidenta do Sind. Bancários Santa Rosa RS
- (f) Iaci Torres, BB e Presidenta do Sind. Bancários Campo Grande MS
- (g) Magaly Fagundes, Bradesco e Presidenta da Fetraf MG
- (h) Magna Vinhal, Bradesco e Presidenta do Sind. Bancários Patos de Minas MG
- (i) Rita Serrano, CEF e Presidenta do Sind. dos Bancários ABC SP
- (j) Vera Saba, Itaú e Presidenta do Sind. de Bancários Taubaté SP

Campanha de sindicalização

NÃO FIQUE SÓ, FIQUE SÓCIA!!!

Procure seu sindicato e faça sua filiação, fortaleça sua entidade e participe das decisões da categoria